

## Museu e Patrimônio das Culturas Afrodiáspóricas

Deborah Silva Santos  
Joseania Miranda Freitas  
Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

DOI 10.26512/museologia.v11i22.45730

Nunca é demais lembrar que por muito tempo poucas eram as referências teórico-metodológicas nas quais pudéssemos nos espelhar e, de fato, nos referenciar, sobre a relação horizontal e equitativa entre museus e culturas afrodiáspóricas, devido ao predomínio de pensares e fazeres museológicos ancorados na colonialidade do poder. Graças à militância constante dos movimentos negros hoje temos uma farta bibliografia, que tem oferecido ao campo museológico possibilidades de alargamento desses estudos. Este Dossiê “Museu e Patrimônio das Culturas Afrodiáspóricas” soma-se a esses estudos, apresentando artigos com experiências contemporâneas, vivenciadas por docentes, discentes e profissionais do patrimônio que se conectam à formação profissional no campo da Museologia.

O Dossiê reúne artigos que, em meio a diversificadas reflexões, análises e críticas aos fazeres museais hegemônicos, ousam apresentar proposições, resultantes de experiências que visam colaborar na construção de outros pensares e fazeres museais, que tenham como base a decolonialidade, ou seja, pensamentos e ações que estejam comprometidos com histórias e memórias que foram silenciadas e negadas na longa duração do fazer histórico-museal, ancorado em mentalidades coloniais-imperiais-escravistas.

Os artigos dão relevo a patrimônios e culturas afrodiáspóricas, dentro e fora de museus, sem perder de vista reflexões sobre processos de musealização e patrimonialização dessas culturas. Acervos estão evocados, mas o protagonismo está nas subjetividades de mulheres e homens que têm suas vidas por eles marcadas. Nessa perspectiva não há mais lugar para antigas categorias como “exóticos” e “bizarros”, que serviram à pavimentação de uma história humana hierarquizada, que justificava o colonialismo, o escravismo e o racismo.

Importante marcar que os textos aqui apresentados fazem parte de uma outra pavimentação, iniciada pelo movimento social negro em suas diversas entidades e matrizes, que cobra o cumprimento dos marcos legais nacionais e internacionais antirracistas, fazendo cumprir as ações afirmativas, que têm forçado a releitura da representação e apresentação dos objetos afrodiáspóricas nas instituições museológicas, assim como estimulado o surgimento de outras experimentações museológicas.

Em oito artigos, o Dossiê reuniu pesquisadoras e pesquisadores comprometidos com o trabalho docente e cujas trajetórias destacam-se também pelo trabalho em instituições museológicas e vivências em movimentos sociais, que presam pelo trato das memórias e patrimônios das culturas negras como estratégia política de combate ao racismo e de promoção da igualdade racial.

## DOSSIÊ

O Dossiê abre com dois artigos que se aproximam quanto à tipologia de acervo, objetos sacros anteriormente salvaguardados em instituições policiais, no Rio de Janeiro e na Bahia, e suas transferências para instituições museológicas. O primeiro, “A chegada e chegadas do nosso sagrado à república”, de autoria de Francisco César Manhães Monteiro (*in memoriam*), Maria Helena Versiani e Mario de Souza Chagas, narra sobre o percurso museológico que a coleção, pejorativamente chamada de “Magia Negra”, vivenciou até a sua transferência para o Museu da República, onde recebeu nova nomenclatura, “Coleção Nosso Sagrado”, que marca o grau de sacralidade de objetos antes demonizados. O segundo artigo, “Primeiras notícias sobre a coleção Afro-Religiosa do Museu Antropológico Estácio de Lima”, de Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, apresenta a coleção e os processos museológicos que envolvem a sua salvaguarda, transferida do Departamento de Polícia Técnica da Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia para o Museu Afro-Brasileiro, da Universidade Federal da Bahia. Ambos os textos trazem perspectivas museológicas que visam escapar das artimanhas da colonialidade do poder e destacam, dignamente, a sacralidade de objetos religiosos.

Questionando e enfrentando a colonialidade do poder, o terceiro artigo, “Pensamento decolonial: fundamento ético-epistemológico para a luta antirracista na construção de um sistema-mundo biófilo”, de Valdemar de Assis Lima, apresenta argumentos de epistemologias decoloniais como necessários à luta antirracista no fazer museológico, apostando na produção de conhecimentos críticos, estimulados e articulados pelos movimentos sociais.

O quarto artigo, “O Ateliê Vó Conceição e a musealização em processo no Terreiro da Casa Branca”, de Marijara Souza Queiroz, resulta em um exercício teórico e prático que questiona e escapa à dominação colonial, apresentando memórias afrodescendentes com dignidade e respeito às sacralidades, por meio de um processo museal em uma instituição afro-religiosa.

O quinto artigo, “Apontamentos sobre narrativas nos Museus Afro-Brasileiros”, de Deborah Silva Santos, discorre sobre a categoria de museus intitulados “afro-brasileiros”, analisando suas narrativas e vertentes museológicas, em busca de verificar o papel desses museus para a valorização das culturas e patrimônios africanos e afrobrasileiros, assim como suas atuações para a promoção da igualdade racial.

Seguindo-se a esse panorama, o sexto artigo, “Visita ao Museu Afrobrasil: um percurso necessário”, de Nelson Fernando Inocencio da Silva, é um relato de vista a uma importante experiência museológica, iniciada em 2004, que teve à frente o artista, curador e museólogo Emanuel Alves de Araújo (1940-2022). O artigo destaca, como os demais, as formas de enfrentamento à permanência da colonialidade do poder no pensar e fazer museológicos, mostrando como o Museu se alia ao combate ao racismo ao visibilizar, inclusive, históricas demandas dos movimentos negros nos seus processos de musealização e patrimonialização.

Os dois últimos textos se originaram em um projeto de pesquisa interinstitucional que articula Museologia e Literatura, desenvolvido nos cursos de Museologia da Universidade Federal do Pará e da Universidade Federal da Bahia. O sétimo, “Patrimônios das Palavras: Memórias Afrodiaspóricas e a Arte Literária de Mulheres Negras”, de Luzia Gomes, traz como coautoras a bolsista de Iniciação Científica Jomara Ferreira Chaves Santos e a mestrandia Jéssica Santos Silva. O artigo busca evidenciar a importância da relação Literatura e Museologia, não somente para as reflexões acerca das memórias e patrimônios, mas

também na construção de práticas docentes e de processos de musealização antirracistas e antissexistas, através da criação de estratégias que contribuam para o enfrentamento das noções de colonialidades que ainda permeiam as estruturas museais.

O oitavo e último texto, “Mulheres negras e louças finas: três narrativas entre ocultamentos e visibilidades”, de Joseania Miranda Freitas e da bolsista de Iniciação Científica Rosa Catão Cruz, apresenta um exercício acadêmico, ancorado na relação Literatura e Museologia, que explicita e questiona silêncios e ocultamentos sobre a presença de mulheres negras em acervos de porcelana. O artigo entrecruza três narrativas: a primeira, literária, a segunda, museal, enquanto a terceira entrelaça acervos de dois terreiros de Candomblé de Salvador, o Gantois e o Maroketu, tendo as mulheres negras como proprietárias de porcelanas.

Esperamos que os artigos abram novos caminhos, seguindo as inspirações das gerações passadas que não tiveram acesso à escrita por conta do escravismo e seus desdobramentos, mas nos legaram importantes bases epistemológicas, que articulam diferentes materialidades e imaterialidades que nos constituem individual e coletivamente. Somos, portanto, a geração que foi sonhada para construir formas, cada vez mais respeitadas, de coletar, documentar e expor patrimônios e culturas afrodiaspóricas, tendo como protagonistas as vidas das gerações que nos antecederam.